
*POST COLONIAL TRANSLATION
– THEORY AND PRACTICE.*
Susan Bassnett e Harish Trivedi
(orgs.) onde: editora, pp

É fato conhecido que, pelo menos em termos das ciências não tão *exatas* (se é que são ciências; melhor, se é que o que considerariamos *ciência* é ciência), como a literatura, a psicologia ou a antropologia, a famosa compartimentalização dos conhecimentos tem se comportado de modo estranho, indo muita vez em um vai-e-vem típico dos nervosos futuros papais no corredor de uma maternidade qualquer. Obviamente a percepção de que certos objetos não são tão delimitados e precisos – de que talvez, já cruel desventura!, não passem de axiomas – quanto se queria na época em que seus respectivas ciências foram fundadas (caso da literatura não menos que da sociologia e da psicologia) contribui para que tal diluição aconteça. Se por um lado essa interpenetração dos campos muitas vezes borra de forma tal a distinção entre eles que sustentá-la parece inútil (e, lembrem-se, quando sustentamos a divisão do conhecimento em áreas

não só o fazemos em nível teórico, mas sim e grandemente em nível institucional, muito mais rígido e por vezes muito mais cego), por outro faz com que abarquemos diversas instâncias de um mesmo problema com uma só olhada, o que contribui para uma reconstituição mais ampla dos fenômenos sociais.

O ponto onde quero chegar é que, mesmo em campos de conhecimento em que a teoria só se constrói a respeito e a partir de uma prática, a princípio bastante clara e objetiva, os conceitos originais e a prática que designou sua formação encontram-se em estado de fusão com outras esferas da vida intelectual. Este é sem dúvida o caso da teoria e prática de tradução. Diferentemente de se ter desenvolvido na forma de uma tecnologia de reconstrução estética de textos em outras línguas, a teoria da tradução vem ganhando dimensões cada vez mais claramente políticas, sendo vista como um exercício não só de apropriação cultural, mas também como a ambígua ferramenta através da qual se podem exercer tanto a alteridade libertadora quanto a opressão etnocêntrica; tanto a subversão pós-colonialista quanto o mais puro e simples colonialismo. Sua práti-

ca deixa portanto de ser vista como um simples instrumento para transposição cultural e ganha uma realidade própria e não inferior a dos textos que transpõe.

Prova disso é o exemplo utilizado por Bassnett e Trivedi, os organizadores de *Post-Colonial Translation: Theory and Practice* (Londres: Routledge, 1999), na introdução do livro. A famosa deglutição do Bispo Sardinha (e que morte melhor a qualquer um com um semelhante sobrenome do que ser devorado?) é lida em termos de apropriação cultural por parte dos Tupinamá – e apropriação cultural, nós sabemos, é uma das muitas funções da tradução. Como resultado da analogia, percebemos então que fenômenos sociais diversos podem ser teoricamente classificados como tradução – não mais necessariamente levando-se em conta peculiaridades técnicas, mas sim as conseqüências políticas do choque entre culturas, especialmente quando uma das culturas em questão se pretende hierarquicamente superior à outra.

O resultado desse tipo de expansão conceptual é que, ao se falar sobre tradução, fala-se também sobre processos mentais de interpretação, produção e recepção de textos e/ou símbolos, fala-se tam-

bém sobre literatura(s), sobre colonização e domínio político-cultural. Tradução, mais que técnica, é política.

E é com semelhante pensamento que os diversos textos desta antologia têm justamente o objetivo de “eschew a politics of polarity” [evitar uma política da polaridade], como dizem os organizadores. Surgido da consciência mesma de que a prática da tradução se dá dentro de instâncias mais amplas que a determinam não só em termos de sua execução, mas também em termos de seus objetivos finais – como ferramenta de apropriação, transferência ou submissão culturais –, o livro recolhe trabalhos recentes que versam sobre teoria e prática de tradução literária nos mais diversos níveis, formando um todo conciso que, muitas vezes utilizando-se de situações pontuais (como no caso da análise feita por Rosemary Arrojo das traduções de Clarice Lispector para o francês ou da análise de teoria e prática de tradução de Haroldo de Campos e A.K. Ramanujan, feitas respectivamente por Else Ribeiro Pires Vieira e Vinay Dharwadker) procura trabalhar construções teóricas mais amplas a respeito do papel da tradução dentro da manutenção/subversão

das relações de poder entre colonizadores e ex-colônias. A prática literária/de tradução dos autores estudados pelos teóricos e tradutores incluídos na antologia também é contemplada; isso não é feito porém vendo-se a tradução antes como um ato político do que como o exercício de uma técnica.

Os focos principais de interesse dos autores aqui incluídos são o Canadá (Sherry Simons tem dois ensaios a respeito: no primeiro re-trata a questão do bilingüismo, utilizando-se da noção de “contact zone” de Mary Louise Pratt; no segundo [em co-autoria com Vanamala Viswanatha], fala da tradução como indicadora de tensões culturais), o Brasil (os já mencionados trabalhos de Vieira e Arrojo) e a Índia (um universo riquíssimo em termos não apenas das traduções para o inglês de textos contemporâneos ou clássicos, ou de uma língua indiana para outras; mas também em termos das particularidades da apropriação feita pelos escritores indianos da língua inglesa, e das implicações

políticas que acarretam – vide o ensaio de G.J.V. Prasad).

É sem dúvida de grande importância que em semelhante trabalho encontremos ensaios a respeito de alguns de nossos escritores de maior respaldo internacional – ainda mais se pudermos, como o fazem os autores dos trabalhos aqui publicados, ler a situação que envolve a produção e distribuição dos textos da antologia como um todo. Que o leitor, ao ler os ensaios presentes nesta antologia, se sinta convidado a inquirir sobre as conclusões a que se pode chegar quando autores brasileiros são analisados por autores brasileiros em uma antologia inglesa escrita inteiramente em inglês e publicada por uma casa anglo-americana (na página três do livro lê-se, abaixo do logotipo da Routledge: *London and New York*), antologia esta que versa justamente sobre a situação do pós-colonialismo. Uma delas pode ser a de que já não se coloniza mais como antigamente – será?

Fabiano Fernandes

UFSC